

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 86 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 589

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE. sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

5 DE MAIO DE 1895



## CHRONICA OCCIDENTAL

Finalmente parece que o verão se resolveu a vir visitar-nos.

Já não era sem tempo.

A primavera já vae quasi toda gualdida e os lisboetas mal deram ainda por ella, no meio dos vendavaes, das ventanias, dos aguaceiros, que enxarcam todo o mez de março e abril.

Agora com os principios de maio, o tempo parece ter tomado juizo e estar disposto a entrar nas normas constitucionaes de que tem andado tão afastado.

O sol já está quente, o ceu já está azul, a brisa já não faz bater o queixo e apenas um ventosinho persistente d'aquelles que d'antes se dizia serem indícios de ter morrido algum escrivão, sopra quotidianamente sobre Lisboa, a desmentir o lugubre presagio, que lhes attribuíam porque, se fosse verdadeiro, ha que tompos que não haveria escrivães por esse mundo de Christo.

E aos raios quentes do sol aquece de dia para dia o entusiasmo que ahi vae na alta sociedade lisboeta,—na alta e na baixa porque no fim de contas a festa é do gosto de todos e todos se divertem n'ella!— pela grande festa que se annuncia para domingo 5 do corrente, se o tempo o permittir!

Este nota bem condicional é que é o demonio, porque o divertimento que se annuncia é dos taes que raras vezes o tempo permite entre nós!

Trata-se nem mais mem menos do que d'uma Batalha de Flores e batalha de flores entre nós passa com justa razão por synonymo de: agua a potes.

Que me lembre de todas as batalhas de flores que tem havido em Lisboa, uma apenas, uma para amostra, desmentiu essa molhada tradição.

D'esta vez a epocha é muito bem escolhida porque já lá vae o abril que é o mez das aguas mil e porque o mez de maio é o mez das flores, o mez do material de guerra d'esses alegres combates.

Se quisesse fazer aqui um pedaço de figura e mostrar no assumpto variada erudicção, poderia lembrar que de tempos remotos, a entrada do mez de maio, assim chamado por ser dedicado a Maia, ou Majesta, uma das Pleiades, amante de Jupiter e mãe do desacreditado Mercurio, era festejada com batalhas de flores e que portanto a alta sociedade lisboeta lançan-

do-se a terçar flores no dia 5 de maio presta um justissimo culto á tradição.

Mas não lembro, primeiro porque não quero fazer de sabio e segundo porque estou perfeitamente convencido que nenhuma das illustres senhoras que promovem a festa, que se deve realizar no domingo, pensou em obsequiar Romanos ou Gregos ou em prestar culto á anti-guidade.

E fazem ellas muito bem. Promovendo a Batalha de Flores a illustre Duqueza de Palmella e as nobres damas, que a acompanham na commissão, presta culto, mas é a caridade, uma divindade, muito mais merecedora das nossas sympathias e das nossas bençãos.

O producto das entradas de carros a peoes e cavallos no recinto da Batalha de Flores, na Avenida, no domingo, reverte em favor das cosinhas economicas, essa grandiosa obra pia da iniciativa santa da Senhora Duqueza, obra pia que vae prosperando e alargando dia a dia os seus beneficios, pois ainda ha poucos dias se inaugurou uma nova *cosinha* em Alcantara, que com as duas que

já havia, a de Campo d'Ourique e a dos Anjos eleva já a tres o numero d'esses philantropicos estabelecimentos.

E com um destino sacratissimo, como este é, com um divertimento dos mais alegres e vistosos que tem apparecido, como é a batalha das flores, comprehende-se bem que todos abraçassem com entusiasmo a idéa da festa e que com entusiasmo se preparassem para ella.

São já numerosos os carros inscriptos: todos os logares das primeiras e segundas filas para espectadores da batalha estão já tomadas, e fallase em que apparecerão carruagens ornamentadas com muito gosto e com muita riqueza, citando-se entre elles, como é de prever e de dever, as carruagens das duas rainhas que dão sempre n'estas brilhantes festas a nota da mais alta elegancia e do mais apurado bom gosto.

A carruagem da sr.ª Duqueza de Palmella, a promotora da festa não é enfeitada, é a sua carruagem de gala, que é luxuosissima, com os laçãos e cocheiros empoados.

E tudo se prepara para que a batalha das flores do dia 5 seja uma festa extraordinaria e deslumbrante.

\* \* \*

Entretanto para que não seja tudo azul, azul, no ceu festivo das elegantes lisboetas, apparecem ha dias umas nuvensinhas a toldar o horisonte, e a fazer receiar que haja um adiamento á batalha das flores.

Oxalá que essas nuvens se dissipem: fazemos sinceros votos por isso; mas as noticias que á ultima hora nos chegam não são muito animadoras.

Trata-se da doença de sua alteza o sr. Duque d'Orleans, irmão de Sua Magestade a Rainha; é evidente que não havendo melhoras sensiveis no estado do illustre enfermo, sua augusta irmã não tomará com certeza parte na Batalha das Flores, e é não menos evidente, que desde que Sua Magestade não possa assistir á festa essa festa ficará addiada.

O sr. duque d'Orleans andando na quinta feira a cavallo a caçar nas Marismas,—Lebrija, na foz do Guadalquivir, perto de Sevilha, cahiu com o cavallo, fracturando a tibia.

De Sevilha partiram immediatamente dois medicos que reduziram a fractura e acompanharam o illustre enfermo, a bordo do seu yacht *la Abutarda*, para Sevilha, para o palacio de San Telmo, residencia da duqueza de Montpensier.

Os medicos, temeram ao principio algumas complicações; mas esses temores devaneceram-se quando no dia immediato viram que o doente ia bem e que não tinha apparecido febre.

Apesar de tudo isso o dr. Re-



DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

DIRECTOR EM CHEFE DO «JORNAL DO COMMERCIO» DO RIO DE JANEIRO

(Copia de uma photographia)

cannèr, illustre medico francez e velho e dedicado amigo da familia Orleans, partiu no sabbado para Sevilha, e os telegrammas chegados no dia em que escrevemos, 1 de maio, trazem noticias menos satisfatorias do estado do duque de Orleans em quem se manifestou uma pneumonia thraumatica, elevando-se a temperatura do enfermo a 39 graus.

E foi esta noticia que causou impressão em Lisboa fazendo resurgir os receios que já se tinham dissipado.

Sua Alteza a Princesa Helena, cujo casamento com o duque d'Aosta ficou addiado por causa d'esse desastre, deve chegar no dia 4 a Lisboa, e é de crer que em vista de se ter aggravado o estado de seu augusto irmão parta immediatamente para Sevilha, se não vierem, como fazemos votos, noticias mais tranquilisadoras.

\*  
\*  
\*

Uma coincidência curiosa!

A meio seculo de distancia o ultimo dos Bourbons do ramo primogenito e o seu herdeiro mais novo são victimas do mesmo desastre.

Em 25 de julho de 1841, o conde de Chambord indo visitar o campo de Austerlitz cae do cavallo a baixo e parte uma perna: em abril de 1895 o duque d'Orleans cae tambem d'um cavallo e parte egualmente uma perna.

O que dirão aquelles que acreditam em presagios d'esta singular sina que persegue os pretendentes á corôa de França?

O conde de Chambord ficou coxo para toda a sua vida!

Que outro tanto não aconteça ao Duque d'Orleans, são os nossos votos!

\*  
\*  
\*

Está annunciada para amanhã, 2 de maio, pois escrevemos no dia 1, a partida do vapor *Vega* para Lourenço Marques levando a seu bordo a força de cavallaria que se dirigia para aquella possessão a bordo do *Peninsular*, o vapor que como é sabido teve que vo'tar ao Tejo e desarmar por causa das avarias recebidas logo á sahida de Lisboa.

O *Vega* não veio atracar á ponte do arsenal, como tem vindo os outros paquetes: parte de Caxias e é ahí que vão embarcar as praças espedicionarias.

O *Vega* pertencente, como os outros vapores da expedição, á Empresa Insulana de Navegação: mede 380 pés de comprimento, 38 de largo e 29 de alto, é de 2.032 tonelladas, deita 12 milhas por hora a todo o vapor, e a sua machina — uma machina antiga Compound Tandem Engine, tem a foça de 360 cavallos.

O vapor chegou no dia 21 d'abril de New York com carregamento de trigo e teve que fazer a toda a pressa os preparativos necessarios e as reparações indispensaveis para receber a expedição.

O seu commandante é um experimentado marinheiro, o sr. Manuel Joaquim do O' Ramos, de Olhão, verdadeiro perito na sua especialidade, muito conceituado e respeitado entre os homens do mar pela sua coragem, valentia sangue frio e prudencia.

O navio é illuminado a luz electrica.

\*  
\*  
\*

Novidades theatraes não ha nenhuma.

A companhia dramatica da actriz Maria Tubau retirou-se para Vigo, sem ter feito grande fortuna em Lisboa e no theatro de D. Amelia está funcionando agora com grande exito a companhia d'opera comica do theatro do Principe Real do Porto, dirigida pelo distincto actor Taveira.

Esta companhia, que é a companhia mais completa de opereta que ha no nosso paiz, e que como dissemos estivera dando uma serie de representações no theatro da Rua dos Condes, agradou muito no theatro de D. Amelia e está tendo ali successivas enchentes e ruidosos applausos.

\*  
\*  
\*

Comecei a escrever esta chronica no dia 1 pela manhã e venho acabar-a agora no dia 1 á noite. E estou bem arrependido de a não ter acabado

logo pela manhã, porque d'então para cá, não sei se por instigações do Saragoçano, se por quê, passaram-se factos que deram positivamente cabo do principio da minha chronica.

Comecei por saudar o bom tempo, o verão, que veio com o primeiro de maio, e agora mesmo, primeiro de maio, estou a escrever e a agua a cahir a potes.

O que vale é que juntamente com a bulha da chuva de pedra batendo nas minhas vidraças ouço ao longe o roncãr do trovão, e isso absolve completamente a careta medonha que o tempo fez, porque as trovoadas são characteristics do mez de maio.

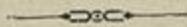
E portanto não tenho nada que retirar ao principio da minha chronica, desde o momento em que esta chuva é fructa propria do tempo.

A quem esta chuva vem enguisar um bocado é á *Batalha das Fiões*, mas no fim de contas ella já está habituada a isso e mesmo quem sabe se não seria o annuncio d'ella, que fez abrir as cataratas do ceu, como já por tantas vezes tem acontecido.

Seja como fôr, porém, passe ou não passe o mau tempo até domingo, como estamos em maio, as cargas d'agua não afugentarão ninguem da *Batalha das Fiões*, primeiro porque os aguaceiros são da praxe entre nós n'estes divertimentos, segundo porque diz o ditado que a chuva de maio faz a gente formosa.

E ha por ahí muita gente que precisa bem de apanhal-a!

Gervasio Lobato.



## DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

O sr. dr. José Carlos Rodrigues, cujos talentos e dotes excepcionaes temos tido a ventura de apreciar pessoalmente por occasião da sua visita a esta capital, além de ser um escriptor mui notavel, póde, por sem duvida, considerar-se como o typo mais completo do verdadeiro jornalista, reunindo outras qualidades, que o constituem indiscutivelmente uma das individualidades mais sympathicas e preponderantes da nova republica dos Estados Unidos do Brazil.

Os apontamentos biographicos, que podémos obter, e aqui damos a lume, de sobra o evidenciam.

Nasceu o sr. dr. José Carlos Rodrigues na pequena mas florescente cidade de Cantagallo, provincia hoje estado do Rio de Janeiro, em julho de 1844.

Cursou os estudos preparatorios no collegio imperial de D. Pedro II, e já ahí se tornou notado pela sua vivacidade e applicação, publicando, aos treze annos, um jornalzinho, que intitolou *O Genio*, prenuncio feliz, em tão tenra idade, da inclinação invencivel e especialissima do que devia ser um dia ornamento e gloria da imprensa sul-americana.

Em 1860, antes da idade legal, matriculou-se na faculdade de direito de S. Paulo, onde em 1864, tendo vinte e um annos incompletos, tomou, com applauso de toda a academia, o grau de bacharel.

Em vez de entregar-se, como a grande maioria dos seus condiscipulos, a diversões proprias da vida escolar, o tempo que lhe sobrava do estudo dedicou-o o sr. dr. José Carlos Rodrigues, durante o curso, a colaborar no *Correio Paulistano*, e em varios jornaes academicos. Foi tambem (1863-64) correspondente politico do *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, então orgão do partido liberal, sob a direcção de Octaviano.

Trabalhou muito no *Atheneu Paulistano*, antiga associação academica, da qual foi secretario e depois presidente.

Em 1862 fundou, no Rio de Janeiro, a *Revista Juridica*, que redigiu por espaço de alguns annos ainda depois de formado. Esta *Revista Juridica*, em que teve por collaborador effectivo o seu particular amigo, dr. José da Silva Costa, era a unica d'esse genero no Brazil, sendo ainda hoje citada como auctoridade.

No anno indicado publicou tambem no Rio de Janeiro (Editor Laemmert) a *Constituição do Imperio do Brazil*, annotada, de que até 1889 se fizeram mais dez edições! O mesmo editor mandou imprimir, separadamente, o seu *Repertorio Constitucional*, que, alias, devia servir de appendice áquelle outro trabalho.

Já jurisconsulto bem conceituado, praticou a advocacia no escriptorio do finado conselheiro Zacharias de Goes durante pouco mais de um anno.

Por quatro mezes serviu, em 1866, de secretario particular do ministro da fazenda.

Em 1868 resolveu partir para os Estados Unidos do Norte, sendo nomeado correspondente, em Nova York, do *Diario Official*, e poucos mezes depois do *Jornal do Commercio*, em março de 1869. Desde essa época nunca mais se separou do grande orgão fluminense, sendo assim o seu mais antigo collaborador effectivo.

Por 1870 fundou em Nova York o *Novo Mundo*, interessante periodico mensal, illustrado, que nos primeiros dois annos escreveu inteiramente só; teve depois, entre outros collaboradores, os srs. Castilho e Mello e José Maria Latino Coelho. Sem ser folha propriamente de propaganda republicana no Brazil, o *Novo Mundo* tinha por fim tornar alli bem conhecidas as instituições dos Estados Unidos e o seu portentoso progresso material. Propoz se, além d'isso, a revista inculcar, que sem a fé e o estudo nas doutrinas de Christo, livres de ecclesiasticismo de qualquer genero, não ha verdadeira base para o progresso social.

O *Novo Mundo* atacou, por igual, a escravidão, e o redactor, já nas suas columnas, já nas correspondencias, que enviava ao *Jornal do Commercio*, não cessava de mostrar o que a escravidão custára aos Estados Unidos, e como os Estados do Sul haviam depressa reparado os terriveis effectos da guerra civil.

Durante esses dez annos, entre outros trabalhos traduziu o extenso e bem elaborado *Memorial* do governo de Washington sobre a questão do *Alabama*, para uso do arbitro brasileiro, e por conta do governo norte-americano (um volume de mais de 600 paginas). Publicou, igualmente, umas oito obras de instrucção publica, e entre ellas a *Chrestomathia da lingua ingleza*, precedida de uma longa e erudita introdução sobre as origens e historia da lingua e litteratura inglezas.

O finado imperador D. Pedro II, passando por New-York em 1876, honrou com a sua visita, em 15 de julho, as officinas e escriptorio do *Novo Mundo*.

Em consequencia de imminente augmento de direitos de entrada, e da suppressão da linha de paquetes entre New-York e o Rio de Janeiro, o sr. dr. José Carlos Rodrigues suspendeu a publicação do *Novo Mundo* em 1876.

Convidado a ir, como representante do *World*, o grande jornal norte-americano, a Panamá, assistir á chegada do sr. Fernando de Lesseps, que se propunha estudar de *visu* a verificação da exploração da linha do projectado canal interoceânico, esteve no isthmo, em janeiro de 1880, com a expedição do sr. Lesseps. Mas por tal forma o impressionou a falta absoluta de estudos serios em uma tão grave questão de engenharia hydraulica, que resolveu aconselhar os americanos a que não compromettessem em similhante empreza os seus capitães, em uma longa serie de cartas, que saíram no *World*, as quaes fizeram enorme sensação. Em março seguinte o sr. Lesseps foi aos Estados Unidos, e em vão appellou para os capitalistas!

Continuou o sr. dr. José Carlos Rodrigues mais ou menos ligado ao *World*, em 1880 e 1881, servindo em diversas secções da importante folha, desde o artigo chamado de fundo até á critica musical.

Em 1882 foi a Londres angariar fundos para a compra de uma estrada de ferro, e negociou com a casa J. H. Schroder & C., d'aquella praça, um emprestimo de um milhão de libras esterlinas, o qual, todavia não chegou a realisar-se, por circumstancias estranhas á vontade do negociador e dos banqueiros.

Desejando conhecer mais a fundo a Europa, onde só estivera em 1872, estabeleceu residencia e abriu banca de advogado em Londres, sendo consultado sobre pontos de direito pelas companhias anglo-brazileiras de viação accelerada, engenhos centraes, bancos, etc. Em 1885 negociou emprestimos na Hollanda para engenhos centraes no norte do Brazil, e em 1887 foi encarregado da liquidação da massa da mais antiga casa ingleza no Rio, a do fallecido A. Finnie, o que ultimou a contento de todos os interessados.

Em 1888 conseguiu realisar o primeiro emprestimo provincial externo do Brazil — o do hoje estado de S. Paulo, na importancia de cerca de 800:000 libras esterlinas, o qual foi emittido pela firma Cohen, de Londres.

Estando no Rio de Janeiro, em 1887-1888, tomou parte muito conspicua nas commissões sobre a questão da emancipação dos escravos, ajudando efficaçmente o movimento paulista, iniciado pelo conselheiro Antonio Prado, de se acabar a escravidão no prazo improrogavel de dois annos.

De volta para Londres em 1888 foi nomeado pelo referido conselheiro Prado, então ministro das obras publicas, para uma commissão delicada relativa á encampação de duas estradas de ferro, da Bahia e de Pernambuco. Em 1890 no-

meou o o governo provisório da republica, delegado do thesouro em Londres, lugar, que não accitou, sendo designado para outra comissão concernente á encampação de todas as estradas garantidas, e ao mesmo tempo como agente especial do thesouro. D'estes encargos se desempenhou honrosamente de fevereiro a julho de 1832.

Emquanto residiu em Londres o sr. dr. José Carlos Rodrigues escreveu frequentes vezes sobre as cousas do Brazil e dos Estados Unidos, mórmente no *Times*, e no *Financial News*. Convidado por este ultimo a estudar a situação dos negocios da companhia do Canal do Panamá, em 1885, escreveu uma serie de vinte artigos, mostrando realizadas as suas previsões de 1880, e em que, por igual, demonstrou, que a companhia estava fallida, e seria o mais tremendo desastre economico do seculo. Os factos deram-lhe razão, succedendo tudo como previra. Aquelles artigos foram reproduzidos em livro (*The Panamá Canal*, Londres, 1885), de que se fez uma edição americana em New-York tambem. A obra mereceu os mais levantados elogios da imprensa de Londres e de New-York.

Em agosto de 1890 voltou o sr. dr. José Carlos Rodrigues ao Rio de Janeiro, e em outubro seguinte, com mais vinte e tres associados, comprou a empresa do *Jornal do Commercio*, por 3.500:000 réis, ficando seu unico socio solidario e gerente, além de exclusivo director da folha.

No decidido empenho de applicar as suas poderosas faculdades em aperfeiçoar o organismo e condições do *Jornal do Commercio*, levantando-o á altura de primeira folha da America meridional, difficuldades imprevisas se lhe depararam, que fariam trepidar ou esmorecer qualquer outro, que não fosse da sua rija tempera de vigoroso luctador.

Sincera e convictamente republicano, mas dotado de um espirito essencialmente conciliador e sem resaiço algum de jacobinismo, o sr. dr. José Carlos Rodrigues, que até certo tempo apoiara lealmente a actitude creada pela revolução de 1889, que implantara as instituições republicanas, viu-se, em sua recta consciencia e claro juizo, obrigado a afastar-se da politica facciosa, imprudente e violenta do vice-presidente da republica, o sr. marechal Floriano Peixoto.

D'ahi o tornar-se alvo das iras do governo, e o suspeitarem-no acaso de connivente na insurreição que rebentara em 6 de setembro de 1893. Annullar ou minguar a influencia legitima do *Jornal do Commercio*, senão supprimil-o, tornou-se igualmente o objectivo da auctoridade desprestigiada, e não só d'esta, mas de rivais infelizes, mesquinha e baixamente inspirados.

Contra o sr. dr. José Carlos Rodrigues passou-se mandado de prisão. Prevenido, felizmente, a tempo, pôde escapar, homiziando-se, aos odios, aliás, inconcebiveis e injustificados, dos adversarios e do governo.

Durou quatorze mezes o duro homizio do sr. dr. José Carlos Rodrigues. Imaginem-se as torturas, por que passou o seu espirito, vendo se condemnado a forçada inacção, em constante sobresalto, meditando sobre as desgraças da patria querida, dilacerada por uma guerra civil atroz, e prevendo exposto a uma suspensão ou supressão do *Jornal do Commercio*, ao qual tem como que vinculada a existencia, e cuja propriedade tanto lhe custára a adquirir! Para distrahir-se e reconfortar-se na fé, porque o sr. dr. José Carlos Rodrigues é um crente, em quanto teve de guardar o homizio, occupou se em escrever uma vida de Jesus Christo, que tem quasi prompta, e deve produzir um volume talvez de 400 paginas. Essa obra, em que o seu brilhante talento se manifesta sob um aspecto diferente d'aquelle em que até agora se ha revelado, cremos, que será digna da sua superior illustração e do sublime assumpto de que trata.

Vencida a insurreição, e assumindo o poder o sr. dr. Prudente de Moraes, eleito presidente da republica em abril de 1894, pôde o sr. dr. José Carlos Rodrigues sair do asylo, que buscára, e respirar o ar da liberdade. Não cessou ainda, porém, a guerra ao *Jornal do Commercio*. Exauridos todos os meios imaginaveis, tentou-se a final quebrar a resistencia encontrada, e que todos os planos mallograra, obrigando a empresa a satisfazer de prompto fortes compromissos financeiros. Graças á habilidade e energia inquebrantavel do sr. dr. José Carlos Rodrigues, secundadas pelo commercio da praça do Rio de Janeiro, em que figuram alguns dos mais conspiciosos membros da colonia portugueza, aquelles compromissos, na elevadissima somma de mais de dois mil contos de reis, puderam ser satisfeitos, e o *Jornal do Commercio* alcançar um assignalado triumpho, que o

fez avolumar ainda mais em prestigio e importancia.

A todas as circumstancias, que temos exposto, e tornam realmente o sr. dr. José Carlos Rodrigues merecedor da mais distincta consideração e estima, accresce ser s. ex.º amigo devotadissimo dos portuguezes, como o demonstrou ultimamente, e á saciedade, concorrendo com a maior boa vontade e efficacia para o reatamento das relações diplomaticas entre o Brazil e Portugal, e pondo ao serviço de nossa causa, sem duvida justa, toda a influencia, que lhe dimana da sua posição na imprensa brazileira, e a que lhe proporcionaram as suas intimas relações com o illustre presidente da republica, sr. dr. Prudente de Moraes, com o sr. dr. Carlos de Carvalho, ministro das relações exteriores, e até com o sr. Greville, ministro da Inglaterra, e intermediario. Foi sr. ex.º que primeiro communicou, em telegramma dirigido ao correspondente do *Jornal do Commercio* em Lisboa, estar resolvida a questão, e assignados pelo primeiro magistrado da republica todos os documentos a ella referentes.

O sr. dr. José Carlos Rodrigues é commendador da ordem de S. Thiago, do merito, scientifico, litterario e artistico. O governo de Sua Magestade agraciou o ultimamente com o titulo de conselheiro.

Justas, significativas são, pois, as homenagens espontaneas e calorosas, prestadas ao grande jornalista brazileiro, homenagens, que importam e symbolysam o reconhecimento de todos os portuguezes.

Ao sr. dr. José Carlos Rodrigues reiteramos, em nome do paiz agradecido, as saudações, que o OCCIDENTE já lhe consagrara no seu numero 588.

F. Pereira e Sousa.

## ANTIGOS PAÇOS DO CONSELHO DE EVORA

A gravura representa o lado meridional da praça de Geraldo, em Evora; as arcadas do começo da rua do Paço, o edificio da cadeia; a construção que occupa o centro, com a sua varanda, portas manuelino-mouriscas, coruchéos e ameias, e um grupo de lapides com inscrições, era o antigo paço do concelho. Foi modernamente alterado.

A camara passou a funcionar n'um palacio da praça de Sertorio. A arcada desapareceu para tornar mais ampla a entrada da rua do Paço; os velhos letreiros foram para o museu da Bibliotheca Publica; tiveram o bom gosto de conservar as elegantes, janellas, com outra disposição, no edificio novo.

Como se vê na estampa era um d'estes edificios complicados, elaborados pelos seculos; tendo soffrido muitas reconstrucções. A varanda, muito desafogada, com as suas finas columnas de marmore, os coruchéos como elmos reaes, emergindo de coroas de ameias, as inscrições romanas, christãs, uma arabe, formando um conjuncto architectonico sobre um grande socco formado de grossos silhares lavrados, vindos talvez do templo romano, produziam uma impressão especial: estava-se longe de uma frontaria banal. Infelizmente foi preciso alterar tudo isso. O sr. Vicente da Rocha, photographo amador, prestou um bom serviço tirando a vista da Camara poucos dias antes de começar a demolição. Sobre essa photographia se fez a gravura em madeira que hoje O OCCIDENTE offerece ao publico.

Coruchéos rodeados de ameias na base são triviaes em Evora; na igreja de S. Braz, na de S. Francisco, na ermida de Garcia de Resende, e até em casas particulares.

Janellas geminadas, em arcos de ferradura ou mouriscos, com a aresta interna chanfrada, como a imitar arcos em tijolo á moda de Granada, são vulgares tambem em Evora, e dão um tom especial aos edificios manuelinos da localidade.

Varandas com seus alpendres sustentados em finas columnas de marmore ha muitas na cidade. Esta era muito elegante, as columnas muito delgadas em branco marmore de Extremoz que é difficil de trabalhar, mas notavelmente rijo e homogeneo.

Este edificio tinha ainda outra particularidade, bem rara entre nós; era um paço documentado; existem noticias, cartas e alvarás que se lhe referem.

O conselheiro Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara publicou n'*A Aurora* (Lisboa, Imp. Nacional, 1847), um artigo mui curioso e erudito sobre Joanne Mendes Cecioso, celebre vereador d'Evora, e a este proposito compilou noticias relativas aos Paços do Concelho.

Está no chamado *Livro pequeno de pergaminho*, do cartorio da Camara eborense registado este alvará:

«Nos El-Rey per este nosso Alvará nos praz que Joanne Mendes Cecioso possa ter e tenha as suas armas na Camara d'esta cidade, que n'ella mandou pôr quando a casa da dita Camara fez, sendo vereador em ella. E mandamos que com ellas se lhe não bula em maneira alguma, e as possa alli ter, como dito he. E por que seja notorio que o mandamos assi, o honvemos por bem lhe mandar dar d'isso este nosso Alvará.

Feito em Evora a vinte e dous dias d'Outubro. Antonio Carneiro o fez, anno de mil iiii lxxix (1499). E isto porque seja exemplo aos officiaes, que folgum sempre de fazer bemfeitorias nas cidades e villas, de que tiverem a governança. Fu Pero Estaço, cavalleiro da Casa d'El-Rey, nosso Senhor, escrivão publico da Camara em todas as escripturas, que a ella pertencem, dou minha fé que tresladei este Alvará d'El-Rey nosso Senhor, e que he assignado per sua alteza; e fica o proprio em poder do dito Joanne Mendes, e por certidão assignei aqui de meu signal publico que tal he», (e segue a trabalhada rabisca privativa do escrivão da Camara).

E' bem lindo e significativo este alvará; o vereador abastado e generoso fazendo construir os paços do concelho da sua terra, e el rei D. Manuel mandando que o escudo do vereador se ostente n'esse edificio, como recompensa e agradecimento á boa vontade do Cecioso, e para exemplo de outros que folgum dotando de bemfeitorias as localidades em que governem.

Ora Joanne Mendes foi mais propriamente o reconstructor. Diz Rivara: Posto que el-rei, ou Antonio Carneiro por elle, diga que Joanne Mendes fez a Casa da Camara, não se deve entender que a fez de novo. Tão pouco renovada ficou ella que ainda não era passado um anno depois do alvará, e já o mesmo Joanne Mendes andava na diligencia de mais concertos na dita casa. Assim no-lo attesta el rei por letra de Antonio Carneiro, escrevendo de Cintra a 27 dias de julho, em resposta a varios apontamentos que a Camara lhe enviara pelo proprio Joanne Mendes (Cartorio da Camara d'Evora, Livro 3.º dos Originaes, a f. 37): *Item. As casas da Camara da cidade havemos por bem que se correjam; a saber, que a camara grande se forre, e a camarinha de dentro se abaixe para ficar no seu andar; e assi as outras casas todas, na maneira que com o dito Joanne Mendes e fallámos. Mandai-o assi logo fazer, e elle vos dirá o modo, em que se ha de fazer.*

E no mesmo papel vem outro item ainda referente aos paços do concelho, mais especialmente ás varandas:

«*Item. Quanto ao despacho das varandas havemos por bem que se fosse Joanne Mendes, por cá não estar gastando. Virá a outra inquirição que mandamos tirar, e ajuntar-se ha com as outras, que cá estão, e veremos todas, e far-se ha o que for justiça.*»

A obra parece que estava mal sinada; em carta de 10 de fevereiro de 1504, D. Manuel diz que antes que a casa da Camara venha a ponto de cahir, não fôra mal em cada um anno correger-se alguma parte, por se não perder tudo.

Por fim tiveram de lançar um imposto especial para a obra. Uma carta régia de 22 de julho de 1519 declara que pessoas não de pagar a finta para as casas da Camara; outra de 16 de setembro do mesmo anno. (Cart. da Camara, Liv. 4.º dos originaes, fl. 102), manda que «pois é gastado todo o dinheiro outorgado para a dita obra, se tire outro lançamento de outra tanta quantia, como foi o primeiro, e por aquellas pessoas, que no primeiro pagaram.»

Creio ser esta a data certa do edificio completo; e como monumento do trabalho manuelino ainda restavam, como se vê na gravura, depois de todas as posteriores transformações, as ameias, e as portas biarqueadas, mouriscas, que deitam sobre a varanda, e que antes da construção d'esta, obra visivelmente mais moderna, deviam de fazer o officio de janellas.

A historia da praça de Evora é bem longa, cortada de estrondosos triumphos e de muitas agonias.

Muitos factos historicos de primeira grandeza se passaram na praça grande, que só ha uns trinta annos foi chrismada de *Geraldo*, mas a frontaria dos antigos paços do Concelho não decorou a praça com a sua columnata e janellas senão pelos fins do reinado de D. Manuel. Ainda no tombo municipal de 1567 figuram as *boticas*, pequenas lojas muito estreitas, que estavam sob a varanda. Havia uma escada exterior, pelo lado da cadeia, que levava immediatamente da praça á varanda, que foi inutilizada haverá 50 annos.

Uma fileira de ameias corria entre os coruchéos

que desapareceu ha pouco. Parece impossivel esta mania portugueza de fazer e desfazer.

Ainda assim com rigor historico pode affirmar-se que d'essa varanda D. João III, o cardeal infante D. Henrique, que foi arcebispo de Evora, D. Sebastião, e D. Philippe assistiram a esses morosos cortejos, com sermões e sentenças, e fogueiras, chamados autos da fé. Por ahi tropejou o povo nas alterações de 1637, e foi aclamado D. João IV n'um dia de impetuoso entusiasmo. Na demorada lucta da restauração, entre victorias e desastres, nas crises dos assédios, era da varanda que se fallava ao povo, aos homens dos terços. Em 1808, 1828, 1834 e 1846 ahi se ergueram vozes de victoria e gritos de odio. Eu gostava da varanda dos antigos paços do concelho, infelizmente foi preciso deitar isso abaixo. O progresso não pára. A varanda desapareceu; para compensar na praça já fizeram um kioske.

Gabriel Pereira.

orgulhavam de estar os filhos das mais nobres familias, pois que eram muito notaveis pelo seu valor.

Era essa primasia que lhes dava um certo prestigio galante que a nobreza de maneiras e de raça mais exalçava.

O nosso quadro representa um d'estes soldados, n'uma hora de ocio.

Era n'estes ocios que algumas das emprezas difficeis se suscitavam e a muitas d'ellas não seria estranha a influencia femenina.

Por isso, não é despido de interesse a figura apresentada no quadro por Muñoz.

Ahi, perante a estampa o leitor pôde commentar a seu modo o quadro, interpretando condignamente o trabalho e o auctor. Nós apresentamos o como a um conhecido pois que decerto se não esqueceu do vulto do mais sympathico dos tres mosqueteiros que Alexandre Dumas em tempo lhe apresentou no seu romance e que ao leitor, se é sensível ás boas qualidades de um caracter, deixou saudades.

muito esperasse da efficaz intervenção do exercito britannico em favor da iudependencia da sua patria, custava-lhe vêr-nos partir para nos irmos medir com o inimigo.

Muitos dos nossos veteranos da campanha peninsular, que acertaram a percorrer o mesmo itinerario, recordar se-hão, sem duvida, com gratidão e saudade, da franqueza com que foram acolhidos por seus hospitaleiros patrões. Outro tanto se não pôde dizer da gente de Cidade Rodrigo; quer-me parecer que não haverá, á face da terra, raça mais perfida e desleal. Muitos d'elles, vendidos á causa franceza, e subornados pelos espiões, praticaram toda a casta de picardias e traições contra quantos inglezes tiveram a desfortuna de traspôr os humbraes de suas portas. Nem por isso guardavam mais lealdade aos seus, e vou contar um caso em que o delicto foi aliás castigado do modo mais cruel e barbaro. Um hespanhol, homem fidalgo, sobre quem recahiram suspeitas de traição — talvez por que acertasse a menoscarbar



ANTIGOS PAÇOS DO CONCELHO DE EVORA

(Cópia de uma photographia do Sr. Vicente da Rocha)



## AS NOSSAS GRAVURAS

### UM MOSQUETEIRO

QUADRO DE DIOGO MUÑOZ

Este titulo — *Um Mosqueteiro*, tem qualquer cousa de suggestivo; é synonymo de elegancia, de bravura e de coragem.

Um dos mais prodigiosos romances de capa e espada é *Os tres mosqueteiros* de Alexandre Dumas, no qual parece que o auctor tentou, escrever de um modo muito seu, a historia de França.

Aproveitando as memorias de Artagnan, soube o grande romancista francez, escrever um dos melhores romances no seu genero.

Bastante conhecido em Portugal *Os tres mosqueteiros* chamou a attenção para estes soldados das companhias reaes, no seculo xvii a cujo serviço se

## RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

### VII

FOLHAS SOLTAS DO DIARIO DE UM VETERANO

(Concluido do n.º 586)

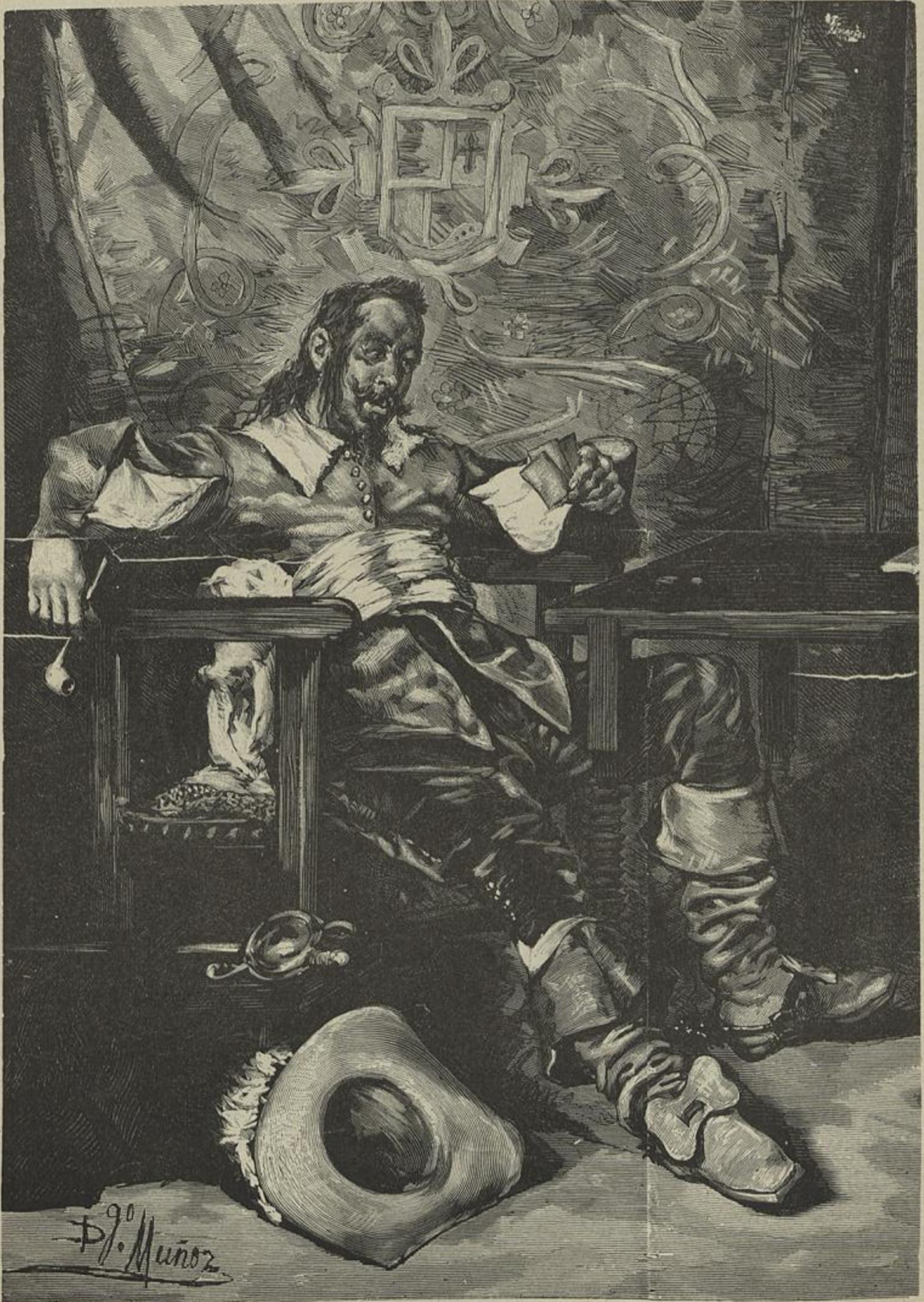
É de suppôr que o proprio pae, comquanto o não desse a conhecer, abundasse nas mesmas ideias; a sua bonhomia porem, e extrema affabilidade mais que compensavam a impertinencia do rapazote. D'ali a pouco estava a meza posta, nós sentados de ródá de uma alentada plangana, acogulada de frangãos assados, e o nosso doutor, empunhando na dextra um garfo e ajudando-se da mão esquerda, desmembrava as aves todas n'um apice, ministrando nos aprazivel lição pratica de disseccção, e dando-nos elevada ideia da sua pericia como trinchante. Enchia-nos os pratos de cogulo e tanto a meudo, que mal tinhamos tempo de lhe dar vencimento; nem consentia copo vasio: os vinhos generosos circulavam com a mesma liberdade.

O nosso hospitaleiro medico despediu-se de nós com manifesta saudade; e, comquanto grato,

interesses, quer publicos, quer particulares; e, em qualquer dos casos, mal visto pelas autoridades civis, veio a padecer morte cruel e affrontosa. Soffreu a pena de garrote; o cadaver esquartejado, e os membros espetados em elevados postes foram arvorados nas quatro esquinas da muralha da fortaleza! Os mutilados restos do misero e mofino marquez para ali ficaram a mirrar ao sol e ao vento, e á mercê das aves de rapina: mas, entre a multidão de gente sanguinaria que por ali perpassava, a todo instante, nem um só, que se saiba, deixou jámais transparecer o minimo signal de dó.

Horrorizados perante tão medonho espectáculo e que tanto estygmatizava já o caracter, já os costumes de tão carniceiro povo e inspiravam, em nossos animos, asco e repugnancia, anciosos esperavamos o dia em que nos vissemos d'ali para fóra: também, quando, passados 3 annos, contemplá-nos aquellos muros derruidos pela artilheria de Wellington, pouca ou nenhuma pena tivemos de os vêr desabar em cima de semelhante cafila.

Mas o peor é que, de caminho, me ia esquecendo fallar lhe da Guarda, cidade que fica a pou-



UM MOSQUETEIRO — QUADRO DE D. MUÑOZ

cos dias de marcha, para leste de Cidade Rodrigo.

Coube-me por sorte ir aboletado para casa de um venerabilíssimo sacerdote, homem expansivo e bom, que me recebeu com rosto alegre e muitos apertos de mão. Não ficaram por aqui as manifestações cordiais do bom do padre, pois me penhorou ainda com provas muito mais substanciaes da sua sincera boa vontade mandando-me servir, pela gentil sobrinha, chocolate, muita fructa, viandas, dôceas e essas mil e uma lambarices, inseparaveis, por lá, da dispensa de todo e qualquer padre que se prése.

A innocente e airosa cachópa, sorrindo com encantadora meiguice, collocou defronte de mim a bandeja; disse, com voz maviosa «está tudo ao seu dispôr, meu senhor» e, imitando o exemplo do estimavel ecclesiastico, durante o tempo todo que fui seu hospede, não se descuidou, um momento sequer, de attender a que nada me faltasse.

Assim que chegavamos a qualquer cidade ou villa, iam logo dar uma volta a ver tudo quanto julgavamos digno de attenção, e terminava, quasi sempre, o passeio, por uma visita aos mosteiros, conventos e recolhimentos, — que os não havia, por lá, poucos. Que me lembre, nunca dêmos o tempo por perdido, quer passasse, entretidos a palrar com os folgasões e rochonchudos frades, ou o dedicássemos ao convívio mais ameno e captivante das maviosas freiras. Eu, e mais dois collegas, que andavam, como eu, em cáta de algum thesouro encuberto, fomos de visita ao convento de Santa Clara, vasto e imponente cenóbio, na cidade da Guarda, a que, ha pouco, me referi, e no qual só eram admittidas meninas fidalgas. Nem sei que haja modo mais aprazível de entreter um serão: e direi mesmo, de aproveitar tão bem o tempo, do que em qualquer de taes visitas: — demasiado curtas, sempre a nosso vér, pois que, ao prazer que no conversar dos olhos, disfructavamos, duplicava a intensidade e o valor a linguagem eloquente quanto seductora: — a *tagarelice do badalo chocalheiro*, expressão de certo bem injusta, tão pura e melodiosa soava, em nossos ouvidos, o idioma portuguez, posto em hôccas tão graciosas, quaes as das lindas reclusas. Mercê das gentis mestras, eram sensiveis nossos progressos; e é mister concordar que assaz broncos seriamos se acaso os não fizéssemos.

Encantados, quanto perplexos, na escolha, mal podia optar nossa attenção entre a musica suave e maviosa e os labios seductores, que a articulavam.

Quando dêmos entrada no convento, vieram receber nos, á portaria, tres madres *superiores*, as quaes com muito bom modo nos disseram, que tivéssemos paciencia de esperar um bocadinho, pois iam d'ali avisar algumas das *irmãs* para nos virem tomar a visita. «Senhoras madres» por caridade, «retorquimos pressurosos, uma só para cada um!» Mal tinhamos, porém, proferido taes palavras, eis que perante nossa vista maravilhada, surgem, como por encanto, tres rostos formosos, quaes jámais encobriu o veu de penitente. Nunca dei muito, aqui para nós, pela sinceridade dos votos que as agrihoavam á clausura; que atravez dos cilios longos e sedosos, velando a custo a maliciosa viveza d'aquelles olhos seductores, outra historia adivinhavamos. Sorrindo com ar seraphico, vieram sentar-se atraz da grade — a tal grade de má morte — e tudo era dizerem que tinham morrido para o mundo; pois das vaidades mundanas as defendiam aquelles ferros protectores — e não seriam demais tão fortes barras de ferro para guarda dos tenros cordeirinhos, que com tão rara innocencia, suspiravam pelos lobos vorazes, que andavam cá por fóra, a rondar-lhes o aprisco.

Perguntaram nos se eramos casados, e dir sehia, ao ouvir-as, que lhes inspirava aversão o chamado *estado feliz*. Aguardavam, no entanto, ansiosas a resposta. — Tudo quizeram saber: — de onde eramos naturaes; o culto que professavamos; o nome e appellidos de cada um. . . Satisfizemos do melhor grado e com a maxima lisura, felizes por podermos contentar a curiosidade ás preciosas freirinhas e, em paga das nossas historias mais ou menos interessantes, regalaram-nos, entoando com voz maviosa ternas e plangentes *modinhas*, acompanhando-as no cravo, ou manicórdio; e nós, de tudo esquecidos e como fóra d'este mundo, só desejavamos nunca mais d'ali sahir. Um dos meus companheiros ansioso por estreitar mais as relações, desfez o laço da espada e em penhor de sympathia, o offereceu a uma das adoraveis monjas; outro brindou uma com as plumas da barretina. De subito, dá a rôda uma reviravolta e eis que, como por arte magica, apparecem bandejas e taboleiros, recheados de delicados bolos, de doces e de licores em profusão e variedade. O beberete veiu animar ainda mais

a conversa, porém, quando as religiosas iam estando mais expansivas, ahi pela volta da meia noite, as badaladas da sineta conventual vieram desfazer o encanto e lembrar-nos que se ia fazendo tarde para quem tinha, logo ao romper da madrugada, de marchar com o regimento.

Dissemos, pois, um sentido e ultimo adeus ás nossas beldades do véo e do burél e apartamo-nos do locutorio, levando na alma a esperanza de que, mais dia menos dia, a nossa boa estrella nos encaminharia, ainda uma vez, para o tranquillo retiro das freirinhas de Santa Clara.

A entrada das portas de Salamanca, como aliás nos succedera nas demais cidades e villas percorridas, a chusma dos habitantes correu apressada a ver chegar as tropas: homens, mulheres e creanças distribuíam apertos de mão e abraços a officiaes e soldados, e marchavam de companhia conosco, atroando, a todo o momento, o êcho com seus sonoros clamores — «Vivam os inglezes! Morram os francezes!» — era brado geral por toda a parte.

A milicia urbana de Salamanca sahiu a receber-nos fóra das muralhas, em alardo bem pouco marcial; todos vestidos á córte, com galas, porém, já um tanto sedições, de todos os reinados e modas respectivas, tal qual se fardavam outr'ora os milicianos londrinos.

Pareciam estar muito ufanos e soberbos por serem rendidos por tropas inglezas de linha, e fizeram nos entrega das chaves da cidade, com todo o ceremonial e as formalidades do estylo.

No meio da ponte que dá accesso á cidade, eleva-se, sobre pilares, uma casinhola quadrada, para a qual se sobe por uma escada de mão. Pendurada em um gancho de ferro, á janella de tão exquisita e sordida construcção, abanava com o vento a cabeça decepada a um justicado, a qual, com expressão sinistra parecia adverteir os transeuntes que, pelo sim pelo não, fossem tractando de se acautellar, pondo as suas no seguro.

Coube-me por sorte arranjar quartel em casa de um medico, — genuino discípulo do celebre doutor Sangrado: sujeito, aqui para nós, cuja casa, melhor illustrava a expressão: *andar com a sella na barriga*, de quantos, em genero identico, tive, até esta hora, a honra de conhecer, e o qual, em companhia da numerosa e não menos esgrouviada quanto cadaverica familia, fazia cerco á meza em que eu discutia minhas frugalissimas rações.

Sustentados a pão de milho, migado em mixórdia, assim a modo de sópa, feita com agua, vinagre e azeite; em que deitavam sal, pimenta, aipo e aromatizavam, por fim, com boa doze de alho, — era para esta ética gente caso de grandissimo espanto, como é que eu podia de cada vez dar conta de tanta comezaina; e, como atraz fica dito, com os ossos a furar a pelle, arregalavam muito os olhos e exclamavam, a cada bocado que eu levava á bôcca: *O Maria! que mucha vacca! «Hombre! que mucho!»*

Em Salamanca, além dos innumerados conventos, mosteiros, egrejas e capellas havia quantidade de espaçosos e soberbos edificios, o que não é muito de notar em cidade tamanha; pois, nas proprias villas e aldeias, as casas da classe alta eram de boa construcção e dimensões avantajadas. E' uso em Hespanha medir-se a importancia de qualquer pessoa de respeito pelo tamanho e primor da residencia. Reduzido, qualquer grande, á miseria, é seu principal cuidado salvar as apparencias; consolando a vaidade com o tamanho das vastas e espaçosas salas e extensos corredores, com a solida e ponderosa sepralheria dos balcões, das rejas; a chaparia das portas e portões, ás quaes as alentadas e ferrugentas fechaduras tranca e cadeiados defendem de platonicos ladrões!

Não são, por lá, raras as cazas que fazem lembrar prisões; e quantas vezes, lá dentro, perdido na vasta solidão dos aposentos sem fim, debaixo d'aquelles altissimos tectos, aos quaes servem de adorno, em sanefas e festões, gigantescas teias de aranha, jaz o pobre e mirrado *don*, o altivo *hidulgo*, envolto em sua prosapia e nas reliquias do passado esplendor; sóinho qual aventesma, em recondita e gelida alcova a remoer antigas glorias!

.....  
Durante a marcha, de Salamanca a Valladolid, veiu o nosso exercito atravessando o reino de Leon, paiz constituido, quasi na totalidade, por incommensuravel planicie; terreno barrento e rico em que não se vê uma arvore, um arbusto só que seja; que nem é cortado de vallas, nem tão pouco por sébes ou vallados. As fazendas são apenas divididas por extensas leiras de terra inculta. Tão vasta superficie anda toda semeiada a trigo, até aonde a vista pôde alcançar.

Quaesquer que fossem a fertilidade e riqueza

do torrão, os progressos, porém, realisados nos methodos agrarios, por esta gente, tudo seriam menos rapidos; isto, a julgar pelo curioso exemplo que observamos, em quanto vieramos de marcha. Vimos, ali mesmo á beira da estrada, andarem um burro e um porco, jungidos de parceria á mesma canga — isto é, a um madeiro, atado por cordas a um pesado e comprido cêpo, torto e recurvo na extremidade inferior. Tão grotesca e extraordinaria parelha, para cujo effeito irrisorio assáz concorriam a desproporção das alimarias e a posição obliqua da vara que os jungia, obedecia ao mando de um homem unico, o lavrador o qual, com uma das mãos aferrada ao extremo da canga, vinha guiando, com a outra, o *arado* e com-tudo, apesar da camaradagem um tanto nova e desusada de tão heterogeneas raças, qual a do burro e a de seu collega e companheiro, os sulcos, não obstante a pouca extensão, eram assáz bem alinhados e direitos.

Spectator.

## MIGALHAS DE HISTORIA

### III

#### PEQUENAS INDUSTRIAS

Em 1672, habilitou-se para poder professar na Ordem de Christo o bacharel Luiz Ferreira de Araujo e Azevedo, que partia para Angola, por haver sido nomeado Juiz de Fora della.

Das provanças que então se lhe fizeram na corte, resultou que era natural de Lisboa e baptisado na freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, filho de Francisco Ferreira, natural do lugar de Ventozellos, baptisado na freguezia de S. Pedro d'Agostem, comarca de Chaves, arcebispado de Braga e de sua mulher Joanna Michaela d'Araujo, natural de Lisboa e nella moradores; neto pela parte paterna de Antonio Gonçalves e de Margarida Fernandes, do referido lugar de Ventozellos, e pela materna de Manoel Baião, natural de Lisboa e D. Magdalena Maria d'Azevedo, natural do lugar d'Arnosa, concelho de Besteiros, comarca de Viseu.

Não sabendo se estes dados genealogicos poderão aproveitar a alguém por isso os não truncamos.

Ora Francisco Ferreira, pae do bacharel, tem certo merecimento na historia das artes e industrias, por isso condensámos estes apontamentos.

Sahindo o mancebo da sua patria, dirigiu-se á praça de Mazagão, então felizmente ainda portugueza, para servir o paiz com a sua actividade e valor de verdadeiro transmontano.

Tivemos a fortuna de encontrar o documento comprovativo dos serviços de Francisco Ferreira, a que alludem as testemunhas do processo de habilitação, e por isso o transcrevemos:

*Howe S. Magestade por bem tendo respeito ao dito Francisco Ferreira haver servido na praça de Mazagão de cavalleiro espingardeiro e tenente de uma das cinco guardas do campo por espaço de tres annos e tres dias que principiaram de 10 de outubro de 702 até 12 do dito mes de 705: Ha por bem de lhe fazer merce de o tomar por escudeiro com quatrocentos reis de moradia por mes e juntamente o acrescenta logo a cavalleiro da sua casa, visto ser armado em auto de guerra por Manoel de Sousa Tavares Governador que foi da dita praça com 30 rs. mais em sua moradia alem dos que por este tem de escudeiro, para que d'aqui em diante tenha e haja setecentos reis de moradia por mes, de cavalleiro, e um alqueire de cevada por dia, paga segundo ordenança, e é a moradia ordinaria, e o alvará foi feito a 25 de abril de 724.*

T. do T. Liv.º 15 das Mercês de D. João V, fl. 416 v.

Parece que depois do seu regresso á patria elevado á dignidade de cavalleiro como era, casou e se tornou pae de familia, naturalmente. Como porém as recompensas dos serviços não eram, como ainda o não são hoje, assaz pingues, senão para os espaventosos, que sabem fazer valer a sua insignificancia, teve de recorrer a outros meios, como tabem muitos hoje fazem, para dar o necessario tratamento á sua familia, e occupar utilmente a sua actividade.

Ou em Mazagão, com algum estrangeiro habil, ou em outra qualquer parte, Francisco Ferreira aprendeu o, então segredo, de fazer espelhos, ou, como vulgarmente se diz, *pôr aço em vidros* para espelhos.

Dentro de sua casa exercia particularmente essa proveitosa industria, que lhe proporcionou meios, não só para viver abastadamente, mas tambem para dar educação superior a seu filho.

Se não fosse a habilitação d'este, ficaríamos provavelmente ignorando factos tão curiosos e que não é insignificante, como muitos, para a historia da industria.

O valor pessoal deu a Francisco Ferreira a honra das armas, mas a sua habilitação deu-lhe proveito, que só os felizes da sorte conseguem por aquellas.

Não cerraremos estas noticias, sem registrar todas as mais relativas ás pequenas industrias e commercio que se acham consignadas na habilitação referida.

Encontremos pois, como depoentes n'ella: Manoel de Faria Leal, de setenta e nove annos, mercador, morador nas Olarias, freguezia de S. Jorge, com loja na rua Augusta, e seu filho Antonio Joaquim de Faria Leal, tambem mercador e morador com o pae, de 42 annos.

Alberto Rodrigues de Moraes, negociante, morador na rua Augusta, de 63 annos.

José Francisco d'Almeida, morador na rua direita de S. José, de 59 annos, fabricante de fio de ouro e prata.

Filipe Nunes Colares, morador ás portas de Santo Antão, de 43 annos, vidraceiro.

Francisco José Moreira, de idade de 50 annos, alfaiate, com loja na rua Bella da Rainha.

Estes apontamentos tambem nos mostram que dezeseis annos depois do fatal terramoto de 1755, já as ruas da baixa se achavam abertas, com as suas casas, pela maior parte levantadas, habitadas e povoadas de negociantes e industriaes.

Jacinto Peres.

## OS MANUSCRITOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 585)

X

REAL BIBLIOTHECA DA AJUDA

Ha, na bibliotheca real do palacio de Ajuda, crescido numero de manuscritos illuminados. De entre elles fallaremos só dos mais notaveis:

**Biblica sacra**, mss. grosso, formato em oitavo e a qual pertenceu ao bispo inquisidor D. José Maria de Mello. Este mss. pertenceu tambem á Congregação do Oratorio.

As illuminuras de tal codice restringem-se ás letras capitales e a escripta, a duas columnas, é cuidada e de caracteres muito nitidos. Está encadernado em carneira vermelha e dourado por folhas.

**Epistola de S. Paulo aos philisteus**. Manuscrito em oitavo, tendo seis estampas de pagina inteira predominando em todas ellas a figura do apostolo.

E' escripto em bom pergaminho e encadernado em carneira vermelha tendo nas capas um brazão, com a corôa de conde, e em torno do escudo dois collares um, formado por vieiras e o outro parece-nos que seja o da ordem do Espirito Santo. Aos angulos das capas, ha um monogramma (PP) que faz suppor queira dizer Phillippe.

**Biblia sancta**, grosso volume de pergaminho, em oitavo, escripto com letra miuda a toda a largura da pagina.

Não tem estampas, apenas as capitales illuminadas; pertenceu igualmente á Congregação do Oratorio.

**Horas** (em pequeno formato, doze), tem 449 folhas de pergaminho de extraordinaria finura, escripto a duas columnas com magnifica letra. As letras iniciais são delicadamente illuminadas a tintas finas sobre ouro brunido.

No verso da folha 181 ha uma miniatura representando o rei David, desferindo por meio de arco um instrumento de corda da forma de um mandolim actual.

**Biblia**, vol. em quarto, o qual pertenceu á Congregação do Oratorio. E' escripto em letra miuda a duas columnas, e em pergaminho bastante fino, tem simplesmente as capitales illuminadas.

**Horas**, que pela encadernação se vê terem pertencido á ordem de Jesus e que por uma nota a folhas 2, se diz serem de dona Anna Josepha Pereira. Na folha primeira ha o visto do Santo Officio, com a data de 9 de dezembro de 1573.

As illuminuras, com quanto ricas, são grosseiras e n'ellas ha um brazão, que não podemos descobrir de quem fosse.

O pergaminho é grosso e a letra bem lançada.

**Cancioneiro da Ajuda**. Este manuscrito, bem conhecido entre os escriptores que se tem occupado da litteratura portugueza, consta de 149 folhas de grande pergaminho, escripto com a graphia e calligraphia portugueza do seculo XIII.

Algumas illuminuras tem, e n'ellas invariavel-

mente se vêem tres figuras, uma cantando, outra tocando e outra dançando. São curiosas, porquanto representam alguns instrumentos da epoca.

Este cancionero philologicamente tem merecido os mais aturados estudos de eruditos notaveis e por isso não seremos nós quem possamos adiantar mais alguma cousa ao que tão proficientemente já se tem feito.

**Herodoti Holicarnassei historiarum parentis**. Esta interpretação latina da obra, forma um volume de bom pergaminho com bem lançada escripta. E' em folio, e deve ter tresentas folhas. Os principios dos capitulos tem a letra inicial e tarja illuminada mostrando nos seus desenhos uma certa influencia arabe. Na capa da frente ha um brazão extremamente complexo, e na capa posterior lê-se *Revolvia fœvendant*.

**Missas romanas**; apezar de escripto este livro em 1475 todavia no centro acha-se uma parte que accusa, haver sido escripta em 1328.

E' em folio grande e tem cerca de tresentas folhas de pergaminho. As letras capitales e as tarjas bem illuminadas tem por motivo artistico plantas, fructos e flôres.

**Foral da villa de Touro**, dado por D. Manoel. E' muito curioso nas suas disposições. A primeira pagina tambem tem uma inicial e tarja respectiva, que são de pouco valor artistico.

Está datado de 1510, é o original, tem 13 folhas de pergaminho e a encadernação é a primitiva tendo dez pregos de metal. Veiu da livraria do conde de Redondo.

**Officia B. M. Sptem psalmi pœnitentia les et alie orationis**. Manuscrito de 185 folhas em quarto de magnifico pergaminho, escripto com letra italica grossa. Cada pagina é encerrada na estreita tarja e as capitales são todas illuminadas accusando no seu colorido caracteristico, plena idade media.

(Continúa)

Esteves Pereira.

## SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 588)

VII

PECCADOS VELHOS

Chegou o dia 12 de dezembro e a casa do José Elias, alvorçou-se toda, com a solemnidade d'aquella data que tão indelevel recordação devia deixar na vida de Estevam.

Este, despertára um pouco nervoso, com receio d'essas revelações que durante tantos annos esperara; e quando o José Elias, no regresso da sua faina official, o chamou á sala, a emoção que lhe trespassou o animo, era semelhante á dolorosa expectativa de quem se prepara para ouvir uma suprema sentença de tribunal.

Assim que entrou na sala, todas as physionomias lhe pareciam diversas; — o sacristão, entalado na solemnidade da sua missão, estava, com effeito, mais grave, um pouco pallido; mas ao lado d'elle, a figura redonda e natural da sr.ª Domingas, chamava as coisas á simples realidade de um concilio familiar. E apenas o rapaz entrou, ella disse logo:

— Ai, Estevinho! Vamos a ver o que d'aqui sae. Deus queira que fiques ahi rico como um porco!

Estevam sorriu, pallidamente, receioso:

— Vamos a ver!

José Elias, que até então estivera silencioso, estendeu, ao rapaz, um masso de papeis lacrados, com estas palavras:

— Aqui está. Abre lá isso. Deus queira que seja coisa boa... parece-me mesmo que será, porque, do contrario, não vejo interesse nenhum em te deixarem esperar pelos 25 annos, para saberes uma má nova. Entretanto, boa ou má, fica certo de que nós seremos sempre os mesmos.

Estevam, commovido, abraçou-o; e quebrou, com mão convulsa, o laço que durante 21 annos guardara ciosamente aquellas revelações. O seu olhar percorreu com avidez o primeiro papel que lhe surgiu. Era uma carta, cuja calligraphia denunciava mão de homem. Viu a assignatura: era apenas uma inicial, um A. No topo da primeira pagina, havia um nome de mulher, a quem a carta era dirigida.

José Elias acudiu:

— Henriqueta?! Henriqueta era o nome da irmã mais nova dos Pimentas, que morreu de febre amarella, no Rio de Janeiro, quando lá estava com o irmão Placido... Que diz a carta?

O rapaz, entre a curiosidade da familia, leu o papel, em voz tremula; depois, passou á inspec-

ção de novos documentos, e, ao passo que o enigma se ia aclarando, um indiscriptivel pasmo esgazeava as physionomias dos assistentes.

Emquanto este colloquio abre caudae de surpresa no ocio d'aquella familia, historiemos nós a serie de episodios que tinha feito do nascimento de Estevam um mysterio de romance.

Quando o Hilario Pimenta regressou do Brazil com 200 contos fortes, amealhados em grandes especulações commerciaes, ainda tinha os seus cincoenta annos bem conservados, e o coração virgem de amores. Comprou uma casa de tres andares n'uma afastada rua da cidade, e reparando, certo dia, nos olhos dôces de uma creaturinha morena, filha de um major reformado que morava perto, offereceu-se para marido d'ella, e foi aceite, ao cabo de uma pequena relutancia da rapariga. Casou; e o nascimento successivo de tres filhos, foi desenvolvendo, gradualmente, as suas naturaes preoccupações de avaro. Anno em que gastasse a quinta parte dos seus rendimentos, considerava o quasi como um aviso de miseria. Dizia-lhe brasileiros, seus amigos, que se deixasse d'aquellas manias; que era necessario gozar a vida; que se deixasse de ser fona, porque, para isso, não valia apenas ter trabalhado quarenta annos, ameaçado de febre amarella e de bérberi...

— Elle nada redarguia a estes conselhos; mas apenas o filho Placido completou 11 annos, em vez de o mandar doutorar, como era desejo da mãe, fel-o partir para o Brazil, com um pobre enxoval e recommendação escripta a um seu amigo e ex-socio.

A primeira carta do pequeno, dois mezes depois, encontrou o pae a expirar, com uma pneumonia. Dizia-se contente na sua nova existencia, apenas com saudades da familia. Caixaero n'uma grande casa de commercio, era estimado dos patrões e sentia verdadeira tendencia para aquella vida tumultuada e activa, em que uma onda de dinheiro corria.

A estas informações animadoras, respondeu a mãe, participando-lhe a sua viuvez e perguntando-lhe se queria regressar a Portugal ou continuar na vida em que o pae o tinha iniciado. Placido retorquiu manifestando vontade de ficar até conseguir, elle proprio, uma riqueza para accumular á grossa quota de que a morte do pae o fizera senhor.

Assim continuaram as coisas. Placido, aos 25 annos, sem tocar na legitima paterna, estabeleceu-se de sociedade com um seu collega, amigo de quem se affeioara nos primeiros dias da sua carreira commercial. Um vento prospero bafejou a tentativa: o negocio, animado pela actividade dos seus annos moços, progrediu, avolumou-se, e afinal desenvolveu-se de tal maneira que o antigo patrão de Placido, argentario celebre entre os mais poderosos, veio offerecer-lhe, com entusiasmo, a sua filha unica e um dote consideravel. Placido, ou movido pela vaidade de alcançar a sua independencia pelo trabalho, ou pela belleza pouco apositiva da noiva, regeitou.

Quando regressou á patria, pela primeira vez, tinha quasi trinta annos, e encontrou a mãe muribunda. Das duas irmãs, a mais velha, era feia, beata, e sujeita a irritações nervosas que a faziam intratavel. A mais nova, Henriqueta, tinha a physionomia e as vivacidades de uma andaluza; morena, grandes olhos sensuaes, cabellos pretos, fortes e bastos, e uma graça de movimentos que contrastava singularmente com os gestos hirtos, medidos, da irmã. As desigualdades d'esses temperamentos, harmonisavam-se, no ambiente domestico, pela docil e obediente affeição que Henriqueta tinha á irmã. Mas Placido, com o genio livre de quem está habituado a mandar, depressa se aborreceu das impertinencias da beata; e tres mezes depois da sua chegada, deliberou partir de novo para o Brazil, levando consigo Henriqueta, cuja docilidade e alegria, o tinham sensivelmente captivado.

Placido, no Rio de Janeiro, tinha habitação commum com o seu socio: ambos moços, levavam alegremente a sua existencia de solteiros, adoçando com frequencia o espirito cansado das operações financeiras, em toda a especie de prazeres que uma terra grande sempre offerece a quem pode dispender, á larga, dinheiro e mocidade.

A chegada de Henriqueta, moderou, pelo menos apparentemente, aquelles excessos; o socio de Placido, inqueriu delicadamente do amigo, se o desgostava que elle vivesse sob as mesmas telhas, desde o momento em que havia uma senhora nova na casa. Placido abraçou-o, e não consentiu:

— Confio em ti e confio n'ella; isso me basta, — disse elle. — O mundo, querendo morder a

putação de uma mulher, tanto se importa que o amante seja de casa, como de fóra. De resto, não me inquieto. Seremos tres irmãos.

O socio nada disse, mas a decisão do amigo foi-lhe visivelmente agradável. Era elle um bello rapaz de trinta annos, alto, forte, e de uma alvura feminina que os ardores do clima não tinham conseguido queimar. Era tambem portuguez, e, como Placido, tinha vindo, creança ainda, para os tumultos do trafico, deixando pae e irmã em um obscuro casebre de aldeia.

Desde os primeiros momentos, uma forte corrente de sympathia, tornou muito communicativo, este rapaz e a irmã de Placido. Quasi todos os momentos que as obrigações deixavam livres, o socio esquecia-se na companhia de Henriqueta; interessando-se pelas suas futeis occupações de senhora que trabalha por desfastio, e promovendo sempre passeios, divertimentos em logares onde a affluencia de pessoas estranhas estreitasse mais a doce familiaridade que entre elles havia.

Um dia, Placido, que via com prazer estes momentos de estima no seu amigo, interrogou-o lealmente.

— Tu gostas de minha irmã ?

E como o outro ficasse silencioso, embaraçado pela surpresa do ataque, acrescentou :

— Eu digo-te isto, porque me tem parecido ver na vossa amizade, alguma coisa que justifica desconfianças. Ella tem mais de cem contos herdados. Se vocês gostam um do outro, casem, que eu estimo.

O amigo, sensibilizado pela affectuosa lealdade d'estas palavras, abraçou-o com effusão :

— Não nego que a amo. Não lh'o disse ainda, mas creio que ella já adivinhou. Se ella me quizer, pagar-lhe hei a bondade com uma vida inteira de dedicação.

— És um bom amigo. Eu consultarei minha irmã, e já não duvido de que, dentro em pouco, serás meu cunhado.

— Oxalá !

(Continua)



## REVISTA POLITICA

Vae passado um mez que não conversamos aqui com os nossos leitores sobre a politica da terra, mas nem por isso temos grandes novidades que lhes dar, mesmo porque essas poucas novidades, são novidades velhas, isto é, factos politicos occorridos n'estes ultimos trinta dias que não offercem novidade nenhuma, no meio d'esta febre do novo, do imprevisito, do extravagante, que domina este fim de seculo, porque as leis dictatorias que o *Diario da Governo* tem publicado, são tão velhas tão retrogradadas que mais parecem forjadas em tempos de absolutismo e de ignorancia, do que no seculo denominado das luzes e que pelos modos quer voltar ao azeite de peixe e vela de cebo.

Se até umas pobres luminarias que vimos broxular meias acesas, meias apagadas, nas janellas dos edificios do Estado, em a noite de 29 de abril, pareciam envorçoadas da sua pouca luz, exactamente como a pobre Carta, de que essas luminarias pretendiam commemorar a outhorga, anda envorçoadada do retrocesso em que cahiu, mais retrograda que um chinez antes de espevitado pelos japonezes.

A Carta! Quem se lembra já d'ella sequer? Quem a conhece? quem quebra lanças por esse bocado de papel sobre que peza mais de meio seculo, amarellecido, ressequido, não prestando nem para encapar os milhares de decretos de todas as dictaduras que lhe tem passado por cima; pobre velha, que apenas encontra um outro velho, na Lusa Athenas, que sae a campo em sua defeza, um raro liberal, que ainda a queria ver tão pura e casta, que tem estado a criar no seu quintal a flôr de lorangeira com que lhe havia de entretecer a corôa de virgindade se ella não andasse em tão más companhias que a tem perdido.

Agora, caro Martins de Carvalho é preparalhe a côva e o epitaphio, que a respeito de palmito e capella não ha de quê, e nem sequer poderá repousar á sombra da arvore da Liberdade, porque essa está a mirar a olhos vistos, como coisa de ar que lhe deu.

A arvore da Liberdade era planta exotica que só se criou no paiz á força de cuidados, boas regas, custosos esteios para a ampararem, e varios ingredientes para a perseverar das formigas etc.; mas afinal as regas esgotaram-se, os esteios cahiram

uns após outros e as formigas tem sido tantas que não houve meio de a livrar da esfaimada invasão, e ahi está em que veio tudo a dar.

Agora Carta Constitucional de menos e guarda municipal de mais.

Tudo na ordem e marchamos para o Capitolio da Gloria ao som dos hymnos festivos que já principiam a ouvirem se, annunciando desoito dias em cheio, desoito dias de festas para crentes e descrentes, uma pandega rasgada, que promette divertir Portugal inteiro fazendo lhe conhecer o segredo de viver sem trabalhar, o que ultrapassa todas as utopias do communismo, mostrando quanto isto é pratico e superior a tudo que os communistas tem pregado.

Não se pôde dizer que seja mau este estado de coisas, quando se vão celebrar festas durante desoito dias para commemorar o centenário de Santo Antonio, e isto nos leva a mais nos afferrarmos na creença do milagroso taumaturgo.

Um verdadeiro milagre. Milagre que vae converter os mais incredulos, que vae mostrar ao mundo como um paiz se levanta, da sua decadencia cantando e dançando nas praças publicas, durante desoito dias.

E haverão ainda mal dizentes que clamem que este paiz está perdido e vão já, qual Jeremias, chorarem sobre as suas ruinas.

Ha factos que fallam mais alto que todas as jeremiadas, como o que ainda agora vemos n'uma folha politica, que pula de contente com o aumento que tem tido os rendimentos das alfandegas de Lisboa e do Porto, signal evidente da grande melhoria das condições economicas e financeiras do paiz.

Effectivamente não ha nada para avaliar da prosperidade economica e financeira de um paiz, como o augmento dos seus rendimentos aduaneiros.

Quem desconhecer isto é estúpido, não conhece os mais rudimentares principios economicos, e escusa de ter aspirações a ministro, que perde o seu tempo, como nós temos estado a perder estas palavras a proposito da politica do paiz.

E se o leitor não ficar satisfeito com este arrasoado, nada mais lhe diremos da *nota reforma eleitoral*, nem dos *novos monopolios dos phosphoros*, que, como disse, são coisas novas feitas de coisas velhas

João Verdades.

## NECROLOGIA

### JOSÉ ANTONIO REIS DAMASO

A morte do escriptor José Antonio Reis Damaso foi uma verdadeira perda para a litteratura nacional não pelo numero das suas obras originaes mas sim pela grandeza dos seus trabalhos de propagandista extreme da litteratura portugueza contemporanea na imprensa estrangeira.

Reis Damaso foi um luctador; entusiasta pelas letras patrias, incansavel em tornar conhecidos os poetas e prosadores portuguezes contemporaneos.

Entabulára relações com os criticos mais distinctos dos outros paizes, com quem mantinha accesa correspondencia, como por exemplo com Angelo de Gubernatis, Vittorio Pica, D. Rafael Altamira, conde de Tolstoi, Carmen Sylvia (rainha da Roumania) e tantos outros.

Acabrunhado sob o peso de uma vida attribulada, luctando tenazmente pela existencia e procurando no trabalho intenso o seu sustento e o dos seus, nunca teve azo de mostrar de quanto era capaz o seu grande talento e o valor das suas qualidades intellectuaes que eram de tão alto quilate como as subidas virtudes do seu coração de amigo, e parente extremo.

Reis Damaso, era natural do Algarve, nasceu na villa de Lagoa, comarca de Silves; foi seu pae, quem lhe ensinou as primeiras letras e o latim, indo continuar os estudos em Faro e em Lisboa, onde assentou praça em artilheria; mas, inclinandose pouco á vida militar, alcançou licença para estudar e matriculou se no Curso Superior de Letras, o qual concluiu em 1887.

A este tempo já Reis Damaso se tornara notado na imprensa de Lisboa e das provincias. Na *Revolução de Setembro* publicára elle, em 1875 um romance *O Anjo da caridade*, em folhetins, que mais tarde appareceu em volume. N'elle se revelava já escriptor distincto, dotado de imaginação e de estylo correcto.

Concluindo o Curso Superior de Letras, Reis Damaso, modificou e determinou a sua orientação litteraria. A sua vida tambem mudou, mas não para muito melhor quanto a interesses positivos — trocando a vida militar pela civil.



REIS DAMASO

FALLECIDO EM 17 DE ABRIL DE 1895

Em 1883, foi nomeado conservador de 1.ª classe das bibliothecas da camara municipal de Lisboa, onde deu provas da mais perfeita honestidade.

São muitos os jornaes em que o extinto escriptor collaborou, entre elles notam se: *Emancipação de Thomar*, *Vanguarda*, semanario que se publicava em 1880, e em 1881 dirigiu a *Encyclopedia Republicana*, e redigiu a *Era Nova* e collaborou na *Revista de Estudos Livres* na qual publicou uma serie de artigos muito importantes acerca dos romancistas portuguezes modernos e do naturalismo, em que analysava os trabalhos de Julio Diniz, que considerou como o percursor da escola naturalista.

Em 1882 publicou um livro de contos com o titulo de *Scenographias* e em 1887 escreveu dois estudos sobre João de Deus e Theophilo Braga.

Colligiu as tradições e contos algarvios, fornecendo-os a Theophilo Braga para este erudito escriptor completar a sua obra intitulada *Contos tradicionais do povo portuguez*.

No *Diccionario da Vida Pratica*, Reis Damaso escreveu a parte dos jogos infantis e ahi juntou preciosissimos elementos da tradição portugueza.

Tomou parte no congresso pedagogico hispano-portuguez, que se reuniu em Madrid por occasião das festas colombinas, serviu de secretario e apresentou uma memoria sobre João de Deus que, agora, ampliada e refundida com a biographia respectiva, estava no prelo, com o titulo *João de Deus e a sua obra*.

Porém a parte mais notavel e consideravel da sua actividade em artigos destinados a apparecer em revistas e varias publicações estrangeiras.

D'essas obras é muito notavel o importante diccionario dos jornalistas e escriptores de todo o mundo, publicado em francez, dirigido pelo illustre sabio italiano conde Angelo de Gubernatis.

Reis Damaso era correspondente de alguns jornaes estrangeiros, entre elles *La Justicia* e *El Liberal* e da revista *Le Monde Poétique*, etc.

Por todos estes trabalhos, por toda esta actividade, Reis Damaso, tornou se credor das sympathias que adquiriu e da modesta homenagem que aqui lhes prestamos.

## Retrato de Pinheiro Chagas

Para attender a varios pedidos que tivemos, mandámos fazer uma tiragem em separado do retrato grande de Pinheiro Chagas que publicámos em o n.º 587, achando-se á venda nas livrarias e no nosso escriptorio.

Preço 100 réis, franco de porte de correio.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Loureiro, 25 a 37